

O cinema contemporâneo como instrumento de promoção da interculturalidade

RESUMO: Este artigo, originado de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, se propõe a analisar a expressão da interculturalidade por meio de produções cinematográficas. A partir de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, realizamos uma breve contextualização da globalização, fundamentada na obra de Giddens (2006), que oferece insights sobre sua natureza e implicações. Com o suporte teórico de Mascarello (2006), traçamos um panorama da evolução histórica do cinema, destacando sua trajetória até alcançar a relevância contemporânea. Além disso, ao adotarmos a perspectiva de Canclini (2009) sobre interculturalidade, exploramos as interações na sociedade moderna. Realizamos também a análise de três filmes que apresentam uma temática intercultural, pois reproduzem tanto as hostilidades quanto as contribuições sociais decorrentes do contato entre culturas distintas. Concluímos que o cinema, como forma de arte, desempenha um papel fundamental nos espaços intermediários da sociedade, facilitando conexões entre grupos distintos e promovendo reflexões sobre a cultura do outro e nossa própria realidade.

PALAVRAS – CHAVE: Interculturalidade. Cinema. Globalização. Cultura.

Contemporary cinema as a powerful means of promoting interculturality

ABSTRACT: This article, which results from an undergraduate thesis, analyzes how we can observe interculturality expressed through film productions. Based on a qualitative bibliographic research approach, we provide a brief contextualization of globalization, drawing on Giddens' work (2006). Sustained by Mascarello (2006), we also provide an overview of the history of cinema, focusing on how it has achieved real relevance. Additionally, we look into people interactions in the modern society according to the understanding of interculturality supported by Canclini (2009). We also review three films that address intercultural themes, as they reproduce both hostilities and social contributions that come from the contact between different cultures. We arrive at the understanding of cinema as an art capable of operating in the intermediate spaces of society, enabling connections between different groups, as well as reflections on both the culture of others and our own reality.

KEYWORDS: Interculturality. Cinema. Globalization. Culture.

Le cinéma contemporain comme instrument de promotion de l'interculturalité

RÉSUMÉ : Cet article, issu d'un travail de recherche de fin de cours, vise à enquêter sur la manifestation de l'interculturalité à travers les productions cinématographiques. A partir d'une recherche bibliographique avec une approche qualitative, nous avons réalisé une brève contextualisation de la mondialisation, à partir des travaux de Giddens (2006), qui offre un aperçu de sa nature et de ses implications. Avec le soutien théorique de Mascarello (2006), nous dressons un aperçu de l'évolution historique du cinéma, mettant en évidence sa trajectoire jusqu'à ce qu'il atteigne une pertinence contemporaine. De plus, en adoptant la perspective de Canclini (2009) sur l'interculturalité, nous explorons les interactions dans la société moderne. Nous avons également analysé trois films qui présentent un thème interculturel, car ils reproduisent à la fois des hostilités et des contributions sociales résultant du contact entre différentes cultures. Nous concluons que le cinéma, en tant que forme d'art, joue un rôle fondamental dans les espaces intermédiaires de la société, facilitant les liens entre différents groupes et favorisant la réflexion sur la culture des autres et sur notre propre réalité.

MOTS-CLÉS : Interculturalité. Cinéma. Mondialisation. Culture.

Renally da Silva Gomes ¹

Renally Gomes possui bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Renally Gomes holds a Bachelor's degree in Applied Foreign Languages for International Negotiations from the Federal University of Paraíba – UFPB.



<https://orcid.org/0000-0002-9726-2984>

Alyanne de Freitas Chacon ²

Possui graduação em Letras - Língua Francesa (2007), mestrado em Literatura Comparada (2011) e doutorado em Linguística (2013), todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é professora de Língua Francesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atuou por quase dez anos no Curso de bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), da UFPB. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na Análise Textual dos Discursos, trabalhando, principalmente, com os seguintes temas: Responsabilidade Enunciativa, Polifonia Linguística, Teoria da Enunciação e Gêneros textuais. A partir de sua vivência no bacharelado de LEA-NI, desenvolveu projetos nas áreas de Interculturalidade e de Línguas para Fins Específicos. É vice-líder do grupo de pesquisa MINNI-Mundo: Mediações Interculturais, Negociadores e Negociações Internacionais no Mundo e coordenadora da área de língua francesa do Instituto Ágora/UFRN.

She has a degree in Literature - French Language (2007), a master's degree in Comparative Literature (2011) and a doctorate in Linguistics (2013), all from the Federal University of Rio Grande do Norte. Currently, she is a professor of French at the Federal University of Rio Grande do Norte. She worked for almost ten years on the Bachelor's Degree in Foreign Languages Applied to International Negotiations (LEA-NI), at UFPB. She has experience in the area of Linguistics, with an emphasis on Textual Analysis of Discourses, working mainly with the following themes: Enunciative Responsibility, Linguistic Polyphony, Theory of Enunciation and Textual Genres. Based on her experience in the LEA-NI bachelor's degree, she developed projects in the areas of Interculturality and Languages for Specific Purposes. She is deputy leader of the MINNI-Mundo research group: Intercultural Mediations, Negotiators and International Negotiations in the World and coordinator of the French language area at Instituto Ágora/UFRN.



<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0001-7626-8957>

Data de recebimento: 03 de maio de 2024.

Data de aceite: 28 de junho de 2024.

Como citar este artigo:

GOMES, R. S. CHACON, A. F. O cinema contemporâneo como instrumento de promoção da interculturalidade.

Revista InterCulturas, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. e70065, jun. 2024. DOI: <https://10.5281/zenodo.12618715>

1 Introdução

A evolução da tecnologia em escala mundial possibilitou uma conexão simultânea entre diferentes partes do mundo, e a compreensão de tal processo é essencial para que se entenda a interculturalidade vivenciada atualmente. Como bem colocou Néstor Garcia Canclini (2009,

¹ Endereço eletrônico: renallygomes14@gmail.com

² Endereço eletrônico: alyanne.chacon@ufrn.br

p. 17), “confrontamo-nos diariamente com uma interculturalidade de poucos limites, frequentemente agressiva, que supera as instituições materiais e mentais destinadas a contê-la”. A globalização, fenômeno frequentemente citado pelos veículos de comunicação e objeto de estudo nos espaços acadêmicos, é a grande responsável pelo declínio dessas barreiras citadas pelo autor.

Uma indústria que passou a contribuir fortemente para o cenário apresentado acima foi a do cinema. Enquanto produtora de uma forma particular de espetáculo, ela gera no imaginário do seu público uma maior consciência das diferenças e, portanto, se configura cada vez mais como uma porta de acesso à cultura do outro. Inicialmente, não contava com a estrutura industrial dos dias de hoje, e precisou enfrentar grandes transformações ao longo do século XX para alcançar o formato atual, mas já havia um árduo trabalho de compilação de técnicas para criar no telespectador a ilusão de que ele estava diante de algo real.

Diante disso, podemos refletir sobre como a imagem parece sempre ter exercido uma forte influência sobre as pessoas. Para entender melhor tal fenômeno, basta parar e pensar sobre o efeito causado em nós ao olharmos para uma pintura ou uma fotografia, por exemplo. Tais objetos tendem a chamar a nossa atenção com muito mais facilidade do que um texto escrito, cujas linhas, por vezes, parecem embaralhar-se diante dos nossos olhos.

O ponto é que esse panorama pode nos ajudar a enxergar o audiovisual como uma ferramenta que possibilite trabalhar tanto os contrastes quanto às similaridades dentro de sociedades com relações que estão cada vez mais amarradas. Visto que o cinema parece assumir, na contemporaneidade, um importante papel de estímulo a essas interações entre públicos de diferentes origens, nosso principal objetivo, neste estudo, é analisar a expressão da interculturalidade por meio de produções cinematográficas.

Para isso, como objetivos específicos, buscamos nos aprofundar em dois principais aspectos: entender como o cinema pode facilitar o nosso caminho até outra cultura, e apresentar aos estudantes de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) a sétima arte como uma forma de promoção da interculturalidade. Este último, levando em conta que os conhecimentos sobre diferentes culturas se fazem mister para esses egressos e os filmes que abordam questões interculturais podem ser muito importantes tanto para a formação pessoal quanto profissional desses estudantes.

Esta pesquisa é de natureza básica e foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos, apresentam caráter exploratório, com o intuito de analisar, interpretar as informações coletadas sobre o objeto estudado e “aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno” (Lakatos; Markoni, 2003, p. 187). Trata-se de um trabalho bibliográfico e documental, que se utilizou, sobretudo, de artigos para o seu desenvolvimento, mas que conta, ainda, com livros em suas referências e que faz a análise de três filmes.

Para desenvolvermos o estudo proposto neste artigo, consideramos importante esclarecer alguns subtemas aqui trabalhados. Dessa forma, buscamos, primeiramente, entender o processo da globalização, visto que ele foi um elemento chave para o movimento de aproximação entre diferentes culturas, sobretudo a partir da década de 1960. Com o aporte da literatura de Giddens (2006) e de Canclini (2009), refletimos sobre a conexão entre a evolução de tal fenômeno e a diversificação das influências midiáticas por todo o globo.

Em seguida, nos aprofundamos no conceito de interculturalidade partindo da visão de alguns estudiosos do tema, como Canclini (2009), Hall (2006) e Méndez (2013). Buscamos identificar elementos envolvidos nas trocas interculturais e apontar o cinema como um instrumento de análise dessas interações, sobretudo entre grupos de diferentes origens. Trouxemos, ainda, um apanhado da história da indústria cinematográfica, refletindo sobre as mudanças vivenciadas ao longo dos seus primeiros anos que a levou a alcançar o formato dos dias de hoje.

Por fim, partindo da análise de três filmes, buscamos entender quais as contribuições trazidas pela sétima arte tanto para a sociedade, de maneira geral, quanto para o estudante de LEA-NI, no desenvolvimento de uma melhor compreensão da cultura do outro e também do seu próprio entorno.

2 Globalização

Entendemos a globalização como uma rede complexa de processos que estimulam o desenvolvimento e a interação da sociedade mundial de forma acelerada e constante. Apesar disso, sabemos que o conhecimento e as tecnologias mais modernas não chegam a todos os

públicos de forma igualitária. Giddens (2006, p. 25) afirma que “a globalização não está a evoluir de forma imparcial, e as suas consequências não são totalmente benignas.” Por esse motivo, por mais que nós nos proponhamos a falar sobre “conexões globais” e “interculturalidade”, deixamos clara a nossa compreensão de que essa não é a realidade de todos.

Para além de sua natureza econômica, o autor define a globalização como política, tecnológica e cultural. Aqui, suas ideias se cruzam com as de Canclini (2009), visto que ambos ressaltam a influência exercida pelos sistemas de comunicação sobre o fenômeno estudado. Ao trabalhar o conceito de sujeitos interculturais em sua obra intitulada *Diferentes, desiguais e desconectados*, Canclini (2009) cita a globalização tecnológica como um dos principais meios causadores da pluralidade de influências identitárias sobre o indivíduo pós-moderno.

Dessa forma, ao considerar o fluxo internacional de informações, assim como o intercâmbio de símbolos e modelos comportamentais que são viabilizados pela indústria cultural, parece-nos quase impossível desenvolver-nos socialmente envolvidos unicamente em nossa cultura local, visto que a diversidade existente no mundo adentra de maneira cada vez mais natural o nosso cotidiano.

Certamente, a velocidade com que essas informações percorrem o globo é extremamente elevada para conseguir cobrir toda a sua extensão. E essa realidade, de comandos e respostas imediatas, parece ter sido a origem de gerações que não são fruto de um único grupo identitário, mas da mistura resultante do contato viabilizado pela comunicação globalizada. Afinal, podemos entender a globalização “no sentido da globalidade de uma ação ou de um processo, ou seja, a sua realização ou a sua vivência simultânea em múltiplos pontos do espaço” (Elhajji, 2005, p. 5).

Por fim, é importante ressaltar que ao nos referirmos ao contato promovido entre culturas distintas, estamos falando de uma das consequências estruturais do fenômeno da globalização. O próprio Giddens (2006, p. 23) afirmou que “quando a imagem de Nelson Mandela nos pode ser mais familiar do que a do vizinho que mora na porta ao lado da nossa, é porque qualquer coisa mudou na nossa vida corrente”. Entretanto, esse contato nem sempre se dá de forma direta; aqui, por exemplo, detemo-nos a falar das representações a que temos acesso por intermédio dos meios de comunicação, mais especificamente, o cinema.

3 Interculturalidade

O antropólogo Canclini (2009, p. 17) nos explica que “a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas”. O conceito se torna mais claro, e também mais complexo, à medida que entendemos que não podemos aceitá-lo apenas sob a forma de uma simples conceptualização, haja vista que ele abarca um conjunto de processos vivenciados no dia a dia das sociedades. A dinâmica do mundo contemporâneo parece nos levar em direção ao outro de tantas maneiras que consideramos urgente a tarefa de familiarizar-nos com essa ideia.

Seja no ambiente macro ou micro social, quase sempre estamos em interação com pessoas, objetos ou símbolos provenientes de outros locais. É por isso que falar de interculturalidade nos leva a discutir, conseqüentemente, a globalização, pois tal fenômeno foi o grande responsável por criar essa interdependência mundial e estimular uma movimentação contínua entre grupos distintos.

Propomo-nos a enxergar a interculturalidade como um espaço intermediário, propício para diálogos, trocas e conflitos. Nele, nenhum dos lados pode reivindicar mais espaço, pois não há a supervalorização de uma cultura em detrimento da outra. María Laura Méndez (2013 *apud* Weissmann, 2018, p. 7), por exemplo, afirma que:

O conceito representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem, e às vezes, também se interrompem. Esse diálogo tem que ser posto em prática, para ter as ideias encarnadas, fazendo-se presentes na pluralidade de pontos de vista, sem que nenhum prevaleça sobre o outro.

À medida que dialogamos com o outro, nos conectamos e nos tornamos - ou podemos nos tornar - mais interculturais. O contato parece ser um impulso natural do ser humano, e a comunicação assume diferentes formatos para pavimentar as possíveis vias que nos levam ao outro. Mas, afinal, que diálogos são esses? O que estamos comunicando? O que cada ser humano carrega consigo que pode gerar trocas tão ricas, mas também tantos conflitos?

Estamos comunicando aquilo que pode tanto garantir o nosso senso de pertencimento a um grupo quanto a nossa individualidade, ou seja, a cultura. Para Linton (1947, p. 21, tradução nossa), “uma cultura é a configuração de comportamentos aprendidos, cujos componentes são compartilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade específica”³. Já Hall (2006, p. 50), ao trabalhar sobre a identidade cultural, afirma que “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

De fato, não são poucos os estudos sobre esse tema, muito menos as tentativas de defini-lo da maneira mais completa possível. A nosso ver, a cultura é o conjunto de conhecimentos que é produzido, internalizado e refletido por uma sociedade ao longo do tempo, de forma consciente ou não. Como complemento, trazemos o entendimento de Ramos (2001, p. 8), para quem a cultura é, além de tudo, algo indissociável do indivíduo:

O ser humano é um ser de cultura. Uma parte essencial do que caracteriza o ser humano é conservado e transmitido pelo grupo social e cultural, podendo falar-se de uma “herança” social e cultural, não se resumindo esta “herança” apenas às informações, aos actos, aos comportamentos, mas situando-se igualmente ao nível dos símbolos e das representações.

Além disso, nesse contexto, consideramos importante refletir sobre o fato de que a sociedade vive em meio a um pluralismo cultural que afeta suas diferentes esferas, entre as quais: a comunicativa, a econômica e a educacional. Sendo tal diversidade promotora das trocas e dos diálogos aos quais nos referimos nesta pesquisa. Todavia, justamente porque a ideia de diversidade nos parece ser quase sempre tratada com certa ingenuidade, quando, na verdade, trata-se de algo bastante conflituoso, consideramos essencial para a nossa discussão, esclarecer o conceito de multiculturalidade.

De acordo com Canclini (2009), a multiculturalidade refere-se à coexistência de múltiplas culturas que aceitam o outro, o diferente. Entende-se que há a preservação da individualidade de cada grupo, sem estimulá-los a entrar em contato, quase como uma segregação. Em contrapartida, a interculturalidade, como explanado anteriormente, pressupõe

³ “A culture is the configuration of learned behaviour and results of behaviour whose component elements are shared and transmitted by the members of a particular society” (Linton, 1947, p. 21).

que essas diferentes culturas estão convivendo em relações de empréstimo recíproco, de negociação e de conflito.

Assim, entendemos que as interações sociais podem assumir diferentes formatos e, conseqüentemente, viabilizar a compreensão do outro, também em níveis distintos. Desse modo, no que tange ao processo de conhecimento de outras culturas, trazemos o cinema para a discussão, como objeto de análise, haja vista que o enxergamos como uma via de acesso a uma infinidade de lugares, povos, e costumes. Entendemos a sala de projeção como um espaço propício para o encontro com o outro e consigo mesmo, como um lugar para reflexões, questionamentos e descobertas.

Como bem colocou Ramos (1988 *apud* Ramos, 2001, p. 10), “o filme constitui um método científico para estudar, observar, analisar, de forma ordenada, rigorosa, repetida, diferida, minuciosa, o Homem, os seus comportamentos, as suas actividades, as suas formas de comunicar e as relações que estabelece com o seu meio”. Ele é, portanto, uma excelente ferramenta para a observação e compreensão de outros grupos, além de ser um meio para a expressão da diversidade cultural.

No caso de filmes com uma temática intercultural, produções como *Babel* (2006), *Luta de Classes* (2019) e *A 100 Passos de Um Sonho* (2014) são exemplos por se tratarem de filmes nos quais é possível observarmos culturas distintas interagirem e entrarem em conflito, o que permite ao telespectador colocar em perspectiva diferentes opiniões e vivências, e o que também possibilita a construção de novas relações e diálogos com a audiência.

Por fim, é comum, em um primeiro momento, considerar a interculturalidade como um conceito bastante abstrato. Porém, após as nossas considerações, entendemos que podemos enxergá-la nas interações do cotidiano e que, de fato, as histórias contadas pelas telas de cinema podem refletir aquilo que acontece no ordinário das nossas vidas.

4 Cinema

Parece tão verdadeiro – embora a gente saiba que é de mentira – que dá para fazer de conta, enquanto dura o filme, que é de verdade. Um pouco como num sonho: O que a gente vê e faz num sonho não é real, mas isso só sabemos depois, quando acordamos. [...] Essa ilusão de

verdade, que se chama *impressão de realidade*, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema (Bernardet, 1980, p. 125).

O cinema é um meio de comunicação audiovisual por utilizar-se das linguagens visual e sonora simultaneamente. Seu início é comumente atribuído aos irmãos Louis e Auguste Lumière devido à famosa demonstração pública e paga de sua invenção, o cinematógrafo, em 28 de dezembro de 1895, no *Grand Café* de Paris. Entretanto, a verdade é que não houve um único responsável pela sua criação, pois o cinema foi fruto de uma série de trabalhos que vinham sendo desenvolvidos, à época, com o objetivo de alcançar a projeção da imagem em movimento (Mascarello, 2006).

Entre os anos de 1893 e 1895, vários inventores buscavam construir um dispositivo que fosse capaz de realizar tal feito, entre os quais também estavam o empresário Thomas Edison (1847-1931), os irmãos Max (1863-1939) e Emil Skladanowsky (1859-1945). Estes, por exemplo, chegaram a também fazer uma exibição pública do seu sistema de projeção de filmes antes mesmo dos irmãos Lumière. Todavia, não há dúvidas de que os Lumière foram os que melhor souberam comercializar a sua invenção e, por isso, conseguiram deixar o seu nome tão ligado à história da sétima arte (Mascarello, 2006).

Os primeiros anos do cinema foram marcados por grandes transformações. No início, as exibições aconteciam nos *Grand Cafés* ou nos *Vaudevilles*, também conhecidos como teatros de variedades, e disputavam a atenção do público juntamente com as apresentações de lanterna mágica, acrobacias, encenações dramáticas, exibição de animais amestrados e declamações de poesias. É importante enfatizar que os primeiros filmes eram bastante curtos, as narrativas eram simples, e a falta de conexão entre os planos parecia ser agravada pela elevada autonomia que os exibidores possuíam na reprodução dos filmes. Isto é, talvez o produto final não fosse o mesmo para todo telespectador (Mascarello, 2006).

Com o passar das décadas, grandes empresários do entretenimento foram se interessando pela atividade cinematográfica e decidiram investir em espaços maiores para a exibição exclusiva dos filmes. Foi nesse ponto que os *Vaudevilles* foram substituídos pelos *Nickelodeons*, os quais, apesar de não fornecerem uma estrutura muito confortável, eram bem maiores e, financeiramente, mais acessíveis para a população de baixo poder aquisitivo (Mascarello, 2006). Assim, o surgimento desses novos espaços destinados às sessões de cinema

marcou “o início de uma atividade cinematográfica verdadeiramente industrial” (Mascarello, 2006, p. 27).

Aos poucos, os filmes também foram ganhando maior profundidade para suas narrativas, atribuindo maior complexidade aos seus personagens e, conseqüentemente, tornando-se mais longos. Entendemos que essas mudanças na forma de fazer história, pequenas alterações que talvez em seu tempo não parecessem diferenciais, foram, na verdade, fundamentais para que o cinema chegasse aos dias de hoje como um aliado no processo de análise e compreensão intercultural. Afinal, com a diversidade de gêneros e enredos a que temos acesso por meio das telas, também cresce o nosso contato com a pluralidade cultural existente e a possibilidade de diálogo com o outro.

Ainda, a partir do momento em que nos propomos a analisar o cinema, seus diferentes aspectos tornam-se claros e fica evidente como é necessário um trabalho em conjunto que envolva suas características industriais, linguísticas e artísticas para dar vida à magia da sétima arte. Podemos, então, refletir sobre a magnitude do seu alcance se avançarmos para os dias de hoje e pensarmos nas diferentes formas pelas quais temos acesso aos filmes: televisão, computador, celular. A experiência cinematográfica não é mais, unicamente, vivida da maneira como as grandes empresas do setor tentam vendê-la. Afinal, os dispositivos eletrônicos tornaram-na ainda mais simples e – por que não dizer – mais barata.

O ponto é que, se entendemos o cinema como uma indústria em crescimento, como um espaço para expressão artística e de diálogo, e se enxergamos nesses espaços a oportunidade de encontro com o outro e de compreensão das diferenças, precisamos atentar-nos também para o fato de que esse contato promovido pelos filmes pode ser confrontador.

5 A representação cultural na cinematografia contemporânea

Tendo por base os conceitos previamente apresentados, analisamos três produções cinematográficas. São filmes cujas narrativas refletem as nuances do contato intercultural promovido pelo cinema. Isto é, os conflitos e os aprendizados, o preconceito e a aceitação. Vale acrescentar que os filmes escolhidos foram produzidos por diretores de nacionalidades

distintas (mexicana, francesa e sueca), e que as histórias retratadas também se passam em países diferentes, o que corrobora ainda mais para explicar as questões das trocas (inter)culturais a que nos propomos.

5.1 *Babel*

No filme *Babel* (2006), produção do diretor mexicano Alejandro González Iñárritu, somos apresentados a quatro núcleos diferentes. Susan e Richard são um casal norte-americano que está de viagem pelo Marrocos quando seu ônibus é atingido por um tiro de rifle. Susan fica machucada no ombro e todos os passageiros entram em pânico pensando serem alvos de algum atentado. Em meio ao caos, Richard luta até o último segundo para conseguir ajuda o mais rápido possível para sua esposa. Para isso, ele precisa lidar com turistas, até então felizes e amorosos, agora bastante impacientes e até egoístas, que querem deixar o local o quanto antes por temerem por suas vidas.

É interessante notar como a paisagem parece mudar completamente diante dos olhos dos visitantes. O que antes era a bela representação do colorido da nossa diversidade, desde que visto de longe, torna-se assustador quando eles se veem como parte do cenário, sem a certeza do seu breve retorno para casa.

Figura 1 - Babel



Fonte - Google imagens

O que apenas o telespectador sabe, no entanto, é que o tiro que acertou o ônibus de viagem não tinha ligação alguma com um atentado. Foi fruto, apenas, da brincadeira de dois irmãos: Yussef e Ahmed, crianças da região, cujo pai tinha acabado de comprar uma arma para proteger suas cabras dos chacais e a havia deixado sob os cuidados dos filhos ao sair de casa.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, os filhos de Susan e Richard estão sob os cuidados de Amélia, a babá mexicana da família que vive ilegalmente no país há anos. Ao ser informada sobre o estado de saúde de sua chefe, ela se entristece, mas sua maior preocupação está relacionada à possibilidade de perder o casamento do seu filho diante deste novo cenário. Após algumas considerações, Amélia decide, mesmo contra a vontade dos seus patrões, atravessar a fronteira com as crianças e voltar para o seu país por alguns dias, o que acaba colocando a vida de todos em perigo.

Por fim, somos levados ao Japão e conhecemos a história de Chieko, uma jovem surda que, apesar de viver seus dias cercada por amigos, é bastante solitária. Descobrimos que ela e o seu pai, um importante empresário, ainda vivenciam o processo de luto pela perda da matriarca da família, e que ambos dificultam muito a evolução da situação, pois tendem a isolar-se um do outro. Eles se ocupam com suas rotinas importantes e se esquecem de dividir as cargas trazidas pela dor da perda.

O isolamento é um ponto em comum entre todas as histórias. O diretor, por meio das diferentes narrativas que escolheu contar, mostra como a globalização aproximou e também isolou as pessoas umas das outras. Susan e Richard estavam de luto pela perda de um filho e, até serem levados a uma situação de vida ou morte, não tinham conseguido perdoar um ao outro. Amélia também estava isolada de sua família nos Estados Unidos tentando uma vida melhor. Yussef e Ahmed viviam boa parte dos seus dias sem a presença da figura de um adulto, o que lhes dava certa abertura para atos irresponsáveis e os deixava à mercê da violência e do preconceito.

Ainda, outro elemento que une as quatro histórias é a ideia da universalidade de alguns sentimentos, independentemente da origem daqueles que o sentem. Nesse caso, especificamente, a dor. Seja a dor física ou a emocional, seja pela perda de uma pessoa querida ou por encontrar-se num estado de saúde fragilizado, por exemplo, situações como essas nos lembram da fragilidade humana e são capazes de nos desestabilizar.

Assim, consideramos que Babel é um filme que pode, facilmente, provocar empatia no seu telespectador pela sensibilidade e humanidade das suas histórias. Ele também nos confronta porque faz com que nos questionemos se temos agido ou se agiríamos de maneira

semelhante aos personagens. É importante lembrar que Canclini (2009) explicou o fenômeno da interculturalidade e seu inevitável caminho à confrontação, como é possível ver no filme.

Finalmente, também somos capazes de entender como a nossa percepção do outro pode variar de acordo com a posição da qual o observamos. Esse é um ponto-chave nessa discussão, pois nos referimos a uma escala que pode variar de admiração a medo. Fica evidente, assim, a importância de se trabalhar o desenvolvimento do nosso alcance intercultural, isto é, a nossa capacidade de reconhecer a existência de outros, e que, portanto, produções como essas tendem a ser relevantes nesse processo.

5.2 Luta de Classes

No filme *Luta de Classes* (2019) – produção do diretor francês Michel Leclerc –, conhecemos Paul, um músico profissional, e Sofia, uma advogada de origem árabe. Um casal progressista, liberal e bastante ativo politicamente. Tudo começa quando Sofia e Paul insistem que o seu filho mais novo, Coco, permaneça estudando na escola pública do bairro em que vivem – que é também onde Sofia cresceu –, recusando-se a transferi-lo para uma instituição particular sob as justificativas de que não se renderão ao sistema seletivo e parcial que o governo tenta impor sobre eles.

Quando, no entanto, os colegas de Coco são retirados da escola, eles veem seus ideais serem frequentemente questionados, pois agora seu filho é a única criança branca num ambiente cuja maioria é formada por árabes, negros, mulçumanos, romenos, chineses e sérvios. Isso nunca havia sido um problema para o casal; ao contrário, era um dos motivos que os fazia gostar tanto de lá. Afinal, a realidade a que nós somos apresentados é a de que há poucas pessoas tão livres de preconceitos quanto Sofia e Paul.

O problema é que ambos se veem, pela primeira vez, assumindo o papel de uma família, social e economicamente, privilegiada em relação às outras da escola. Esse novo cenário gera conflitos tanto entre os próprios pais da criança, por meio das suas falhas tentativas de criar novos vínculos com os outros pais da escola, quanto para o pequeno Coco, que se vê isolado dos seus colegas de sala de aula por ser considerado o “riquinho” da turma.

Figura 2 - La lutte des classes



Fonte - Google Imagens

É bem verdade que a problemática principal da história chega a ser cômica para o telespectador, apesar de vermos o quão delicada toda a situação é para os personagens. Essa alternância entre humor e drama se mantém ao longo de todo o filme e, por vezes, a produção pode nos parecer um pouco irresponsável na maneira como escolheu dialogar com os temas propostos. Sofia e Paul, ainda, chegam a demonstrar bastante confusão e até agressividade diante de algumas questões que surgem, o que destoia da personalidade inicial dos personagens e, inclusive, coloca o relacionamento deles em risco.

Apesar disso, no fim, é possível enxergá-los um pouco mais maduros. Em sua fala final, o diretor da escola explica a Sofia e a Paul que Coco tem um papel muito importante ali: o de apresentar um outro lado da França àquelas crianças. Cada um deles representa uma parte do todo, mas eles não podem crescer achando que o que existe é apenas a parte que eles veem. Eles precisam aprender a enxergar e respeitar o todo para que saibam conviver pacificamente.

A reflexão final está muito relacionada ao nosso dever de trabalhar pela democracia multicultural. Tal conceito nos remete à importância de entender nossos papéis na sociedade atual não apenas como homens e mulheres, mas também como cidadãos críticos politicamente, que se preocupam com o formato que as suas relações têm assumido. (Ramos, 2001)

Luta de Classes é, portanto, mais um filme que permite ao telespectador conhecer as particularidades de uma outra cultura. Por intermédio dele, podemos entender um pouco mais sobre a diversidade cultural na França e como isso atinge a vida cotidiana dos seus habitantes. Assistimos aos conflitos e às tentativas de reconciliação tanto entre os adultos quanto entre as próprias crianças nos primeiros anos do ensino escolar, e isso pode nos levar a diversas

reflexões, mas aqui nos detemos a pensar sobre como o ambiente educacional tende a ser intercultural em sua essência.

O ponto é que escolas, universidades ou qualquer espaço de ensino-aprendizagem são locais propícios para o encontro e para a interação entre pessoas de diferentes origens. São ambientes onde é possível desenvolver nas pessoas, desde muito cedo, a consciência sobre o outro e sobre o diferente. O filme nos lembra desse papel desempenhado pela educação e nos mostra como o cinema e a sala de aula podem ser uma excelente dupla, visto que ao trabalhar a interculturalidade através das produções audiovisuais, podemos conectar os alunos, ainda que dentro de uma sala, ao mundo exterior.

5.3 A 100 Passos de Um Sonho

A 100 Passos de Um Sonho (2014) – produção do diretor sueco Lasse Hallström – conta a história da família indiana Kadam, que perdeu todos os seus bens após protestos políticos provocarem um incêndio em seu restaurante. Na ocasião, a matriarca da família acaba morrendo e todos se veem bastante abalados. Eles decidem, então, mudar-se para Europa, em busca de um recomeço. Após um certo tempo tentando adaptar-se à Inglaterra, mas sem obter sucesso, eles pegam a estrada mais uma vez e partem em busca de um novo local para morar e reconstruir o negócio da família.

Um imprevisto técnico com o carro acaba obrigando-os a fazer uma parada numa pequena cidade no interior da França. Eles logo recebem ajuda da moradora local Marguerite, por quem todos ficam encantados e com quem logo descobrem ter o amor pela cozinha em comum. Por meio do acolhimento e da refeição deliciosa com que ela os recebe em sua casa, a família Kadam parece conseguir enxergar, pela primeira vez, beleza e sabor numa cultura tão distinta da sua.

Diante dos recentes acontecimentos, Papa, o patriarca da família, entende tudo como um sinal para que eles permaneçam no local, e após certa resistência dos seus filhos, consegue convencê-los a ficar. O próximo passo, então, seria encontrar um espaço adequado onde eles pudessem reabrir o restaurante da família. E, bem, disso o destino também acaba se encarregando, mas sem deixar de fazê-lo com uma certa pitada de humor e outra de drama.

O grande dilema da história se deve ao fato de o local “perfeito” ficar em frente ao restaurante da Sra. Mallory, estabelecimento esse que é reconhecido internacionalmente, detentor de uma estrela *Michelin*⁴ e extremamente devoto à culinária francesa. E que, portanto, acabou sendo responsável por fechar vários outros restaurantes que tentaram se consolidar nas proximidades.

Figura 3 - The hundred-foot journey



Fonte - Google imagens

Neste cenário, torna-se compreensível a apreensão dos filhos do Sr. Kadam, sobretudo com relação à aceitação da culinária indiana num país cujos pratos são marcados pela sutileza do sabor. Apesar disso, o patriarca da família tem muita convicção no futuro sucesso do Maison Mumbai – nome escolhido para o estabelecimento. Ele acredita no talento de Hassan, seu filho mais velho, e é firme em sua decisão de investir, mais uma vez, no ramo gastronômico. Até mesmo as diferenças gastronômicas entre os países não o intimidam, pois ele está certo de que essa resistência do público será apenas momentânea.

Hassan, por sua vez, aprendeu a cozinhar ainda muito cedo com sua mãe. Agora, ele se vê à frente do Maison Mumbai e em meio a constantes conflitos com a concorrência. Todavia, o jovem cozinheiro lida com a situação de uma maneira bastante perspicaz. Ao contrário do que vemos nas interações entre a Sra. Mallory e o Sr. Kadam, Hassan parece usar a comida para tentar construir seus novos relacionamentos. Ao longo do filme, não vemos o personagem

⁴ As Estrelas Michelin representam a mais alta distinção atribuída pelos inspetores e inspetoras aos restaurantes da sua seleção do Guia, identificando os restaurantes que oferecem as melhores experiências gastronômicas. No início era apenas uma, depois, entre 1931 e 1933, o sistema foi alargado e foram implementados os três níveis de Estrelas. MICHELIN GUIDE. **Site do Michelin Guide**, 2023. Disponível em: https://guide.michelin.com/br/pt_BR/about-us. Acesso em: 01 out. 2023.

impondo os pratos típicos do seu país de origem, mas se interessando pela culinária francesa e buscando por uma harmonização entre as duas.

Inclusive, mais de uma vez, Hassan levou alguns dos seus pratos até a Sra. Mallory para que ela os provasse, e apesar de ela não recebê-lo bem, fica evidente que o contato gerou alguma evolução no relacionamento. Da mesma forma, em suas tentativas de aproximar-se de Marguerite, ele se interessa em ler alguns dos seus livros sobre a culinária francesa e, mais à frente, prepara para degustação de ambos, os famosos molhos franceses.

Certamente que todo esforço de Hassan para se encaixar um pouco melhor na cultura anfitriã é proveniente de um conjunto de fatores. Se pensarmos em seu trajeto até aqui, concluiremos que há, de fato, uma busca por desenvolvimento profissional e aprovação dos que são mais experientes, mas há, sobretudo, o desejo genuíno por sobrevivência. Numa cena, por exemplo, em que o seu irmão mais novo questiona o uso do vinho em um prato típico indiano, Hassan responde: “Para sobreviver aqui, precisamos nos adaptar”.

A 100 passos de um sonho foi escolhido para entrar nesta pesquisa por duas razões: a primeira delas se deve ao fato de o filme tratar sobre o processo de uma família em busca do seu novo lar e os percalços da adaptação em um país com uma cultura tão distinta. Ele mostra grupos de diferentes origens que, através da gastronomia, tentam se entender e dialogar. Por outro lado, a produção também apresenta os personagens, por vezes, sob um olhar limitante, reduzindo-os a determinadas características sociais e levando o filme a cenários clichês. Esse último fato nos ensina que, apesar do rico contato cultural proporcionado pelo cinema, ele também está suscetível à incongruências e, como audiência, é importante que estejamos atentos a isto. De toda forma, com o filme, é possível conhecer, ainda que minimamente, as culturas indianas e francesas.

Finalmente, por meio das produções analisadas, pudemos entender um pouco mais sobre os fenômenos de aproximação e de isolamento que são vivenciados em algumas culturas, assim como o papel da educação no processo de aceitação das diferenças e, ainda, sobre a trajetória de adaptação daqueles que precisaram deixar a sua cultura de origem, buscando por melhores condições de vida. Essas são apenas algumas das questões que podem ser trabalhadas e exploradas dentro dos longas-metragens, o que revela o potencial do cinema

para disseminar o conhecimento acerca de outras realidades, assim como para levantar discussões e reflexões necessárias dentro da nossa sociedade.

É bem verdade que a experiência cinematográfica depende, em grande parte, do quanto o telespectador está disposto a conhecer o outro e a se conhecer nesse processo. Entretanto, entendemos que, com frequência, a sala de cinema se configura como um espaço propício para os encontros interculturais, visto que ela oferece a sua audiência um determinado caminho para chegar a outros lugares e a outras pessoas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais empática e sensível ao próximo.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, nosso objetivo foi o de analisar a expressão da interculturalidade por meio de produções cinematográficas. Examinamos três produções com o intuito de entender o cinema não apenas como uma fonte de lazer momentâneo, mas também como um facilitador comunicacional entre grupos de origens distintas. Para tanto, buscamos trazer informações que esclarecessem o fenômeno da globalização, levando em consideração sua ligação direta com os sistemas de comunicação e com o crescimento das influências midiáticas sobre os indivíduos. Pudemos entender que, devido a esse conjunto de processos aos quais a nossa sociedade foi submetida, o formato das nossas interações sofreu alterações ao longo do tempo, e o cinema foi uma indústria que se desenvolveu nesse contexto porque, através da sua arte e da sua forma de se comunicar, tornou-se promotora das trocas interculturais.

Nós também adentramos o conceito de interculturalidade a partir da visão de Canclini (2009), e buscamos entender suas implicações nessas interações. Aprendemos que esse conceito abarca as inúmeras trocas vivenciadas no dia a dia da nossa sociedade, e que a cultura é a sua principal substância. Entendemos, ainda, que a noção de interculturalidade pode ser trabalhada como um espaço dinâmico tanto para essas interações, quanto para os conflitos que a partir delas se originam, e que quanto mais nos relacionamos com o outro, mais interculturais nos tornamos - ou podemos nos tornar.

A partir desse ponto, foi a vez de refletirmos sobre a diversidade cultural e os diferentes formatos e níveis das interações em nossa sociedade, pois justamente com esse intuito foi que

ressaltamos a diferença entre as noções de interculturalidade e multiculturalidade. Ainda, ao decidir trazer o cinema para nossa análise, não o concebemos apenas como uma tela contadora de histórias, mas um caminho de acesso a inúmeras realidades e que nos permite entender, de maneira mais clara, as nuances do contato intercultural.

Finalmente, ao adentrarmos a história do cinema, vimos que o seu início esteve ligado às tentativas de projeção da imagem em movimento, e a nomes como o dos irmãos Lumière. As primeiras exposições aconteciam nos teatros de variedades, mas, posteriormente, à medida que a atividade foi ganhando mais adeptos, também foi assumindo uma configuração mais industrial. Com o tempo, os filmes foram mudando tanto em termos de duração quanto de conteúdo, o que corroborou para que o cinema se aproximasse da sua audiência por meio das histórias contadas.

Por fim, trouxemos a análise de três produções cinematográficas: *Babel* (2006), filme dirigido pelo mexicano Alejandro González Iñárritu, *Luta de Classes* (2019) produção do cineasta francês Michel Leclerc, e *A 100 Passos de Um Sonho* (2014), do diretor sueco Lasse Hallström, tomando como base o referencial teórico sobre globalização, interculturalidade e cinema, que foram desenvolvidos nas seções anteriores. Nosso intuito foi demonstrar, a partir de alguns exemplos, como é possível suscitar profundas reflexões sobre uma outra cultura, e até mesmo sobre a nossa, a partir das histórias retratadas em um filme. Não somente isso, mas também foi possível entender o comportamento de alguns espaços da sociedade diante das situações de conflito provocadas pelo contato intercultural.

Com o estudo realizado, chegamos à conclusão de que o cinema pode ser considerado um instrumento de valor social e educacional, para a análise e a observação intergrupais. Enquanto arte e linguagem, a sétima arte tem se mostrado capaz de promover uma comunicação bastante singular com o seu público, podendo levá-lo a desenvolver uma melhor compreensão das diferenças culturais. Por fim, tomando que este artigo se direciona, sobretudo, aos graduandos em LEA-NI, pensamos que os apontamentos aqui realizados podem lhes ser relevantes, uma vez que são preparados para atuar em contextos de diversidade cultural, estabelecendo diálogos com respeito e empatia.

Referências

AFFAYA, M. N. E. La communication de l'interculturel entre le réel et le virtuel. **Fundació CIDOB Revista Afers Internacionals**, n. 43-44, p. 217-241, 1999.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CORNELSEN, E. Interculturalidade no cinema alemão. **Revista Baleia na Rede**, São Paulo, Ano 6, v. 1, n. 6, dez. 2009.

COSTA, Raquel Pitz Da. **O Cinema e audiovisual como agente potencializador do conhecimento**: a interculturalidade promovida pela sétima arte como ferramenta de aprendizado de novos idiomas. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2020.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação intercultural: apontamentos analíticos. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 53 - 60, 2005.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. 6. ed. Lisboa: Presença, 2006.

GILSON, Julie. Cinéma et dialogue interculturel. **Revista Culture et Démocratie**. Bruxelas, p. 1-90, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LINTON, Ralph. **The Cultural Background of Personality**. 6. ed. London: Routledge and Kegan Paul Ltd, 1947.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5° ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

MIRANDA, Carlos. **Globalização e diversidade cultural na atividade cinematográfica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.

ODERICH, Cecília L.; BALDI, Mariana. A força do cinema para a massificação ou para a promoção da diversidade cultural. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 3, n. 501, ed. especial, dez. 2017.

PARENTE, André; CARVALHO, Victa de. Entre cinema e arte contemporânea. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 27-40, jun. 2009.

RAMOS, Natália. Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. **Revista portuguesa de pedagogia**. Ano 35, n. 2, p. 155-178, 2001.

SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2005, Londrina. O cinema, a cidade e a questão pós-moderna. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. São Paulo: Papyrus, 2003.

TEDESCO, Marina Cavalcanti. Interculturalidade e cinema: as interações turco-alemãs na obra de Fatih Akin. **Revista Esfera**. Rio de Janeiro, ano 2, v. 1, n. 3, Jan-Jun. 2009.

VENTURA, Alana O. C.; ALMEIDA, Risonete L. Produção de sinopse de filmes: em cena a compreensão intercultural do cinema. **Revista Babel**, Bahia, n. 14, p. 1 - 11, ago-dez. 2018.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Revista Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.

XIII ENCONTRO DA ABRALIC, 2012, Campina Grande. Traços de interculturalidade na ficção televisiva. Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba e Universidade Federal de Campina Grande, out. 2012.

Referências filmográficas

A 100 passos de um sonho. Direção: Lasse Hallström. Produção: Steven Spielberg. Intérpretes: Helen Mirren; Om Puri; Manish Dayal e outros. Roteiro: Steven Knight. Fotografia de Linus Sandgren. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2014. YouTube Filmes (122 min).
BABEL. Direção: Alejandro González Iñárritu. Produção: Steve Golin; Jon Kilik. Intérpretes: Brad Pitt; Cate Blanchett. Roteiro: Guillermo Arriaga. Fotografia de Rodrigo Prieto. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2006. YouTube Filmes (143 min).
LUTA de classes. Direção: Michel Leclerc. Produção: Intérpretes: Leïla Bekhti; Edouard Baer; Ramzy Bedia. Roteiro: Michel Leclerc; Baya Kasmi. Fotografia de Alexis Kavyrchine. França: France 2 Cinéma, 2018. Amazon Prime Video (103 min).